

A eficácia e a eficiência

André Gustavo Stumpf

2 AÇO 1985

A discussão econômica que deverá caracterizar o debate político no Congresso Nacional faz lembrar um dos mais caros conceitos dos teóricos que estudam as frágeis democracias latino-americanas. Dizem eles que os governos se medem pela eficácia e pela eficiência. Não são conceitos assemelhados, porque o primeiro mede a capacidade de agir e o segundo de identificar os problemas, fazer um diagnóstico razoável e traçar o plano de ação. Assim, quando um governo começa a mistificar seus reais problemas ou não consegue que suas decisões sejam cumpridas, passa a expor um flanco muito perigoso. No mais das vezes, cai.

O governo Sarney tem exibido até agora pleno controle das duas variáveis. No entanto, pela primeira vez nas últimas décadas o Congresso Nacional terá real poder decisório numa complexa questão econômica, temperada pelo condimento ideológico e por dois exemplos recentes destinados a ter grande impacto: um vem da Argentina, que inicialmente rompeu com o FMI, conheceu a hiperinflação e agora submete-se ao mais devastador programa de estabilização da moeda de que se tem notícia, desde a grande depressão na Alemanha, entre as duas guerras. O Produto Nacional Bruto argentino caiu 15% em pouco mais de um mês.

O outro exemplo vem do Peru, onde o recém-empossado presidente Alan García já declarou em alto e bom som, que seu país não pagará mais de dez por cento do saldo de suas exportações a título de juros da dívida externa. O exemplo peruano já está destinado a incendiar as mentes e as ideologias que enxergam a possibilidade de um continente libertado dos grilhões impostos pelos banqueiros norte-americanos. A experiência iniciada pelo jovem presidente do país vizinho ainda é muito recente para que dela se possa retirar algum ensinamento, mas é razoável perceber que a situação peruana é substancialmente diferente do caso brasileiro.

O Peru, está quase impossibilitado de promover a exportação de seu principal produto — a farinha de peixe, porque as anchovas, por algum mistério da natureza, deslocaram-se da costa para alguma região remota do oceano Pacífico. Além disto, os números da exportação peruana são muito diferentes dos brasileiros. A dívida externa peruana totaliza 14 bilhões de dólares — soma exatamente igual ao que o Brasil paga por ano a título de juros aos bancos internacionais. Aquele país paga por ano, pouco

mais de três bilhões de dólares ao exterior e ainda assim mostra um perfil absolutamente angustiante no procedimento econômico. Talvez, o presidente Alan García não encontre outra solução além da declaração desta moratória unilateral na tentativa de impor novas condições no seu relacionamento com a comunidade econômica internacional.

O Peru, além disto, possui uma situação política extremamente delicada. Imprensado de fora pelo FMI e de dentro pela guerrilha do Sendero Luminoso, o governo ainda vive a eterna dualidade social daquele país. A guerrilha vem sendo apressadamente "vendida" para o mundo como um movimento maoísta. Mas, o Sendero constitui algo além disto: é um movimento de intelectuais, nascido na Universidade de Ayacucho, no norte do país, que se utiliza dos conceitos básicos do socialismo ingênuo do Império Inca. É bom lembrar que a sociedade peruana é constituída, até hoje, por uma significativa parcela de índios, que cultuam e reverenciam o passado incaico. Trata-se de uma presença muito forte na vida daquele país, onde boa parte ainda prefere falar quechua ao espanhol.

A Argentina concedeu ao Brasil o exemplo dramático, como, aliás, costumam ser as cenas argentinas. O primeiro momento de Alfonsín foi o de rompimento com o Fundo Monetário Internacional, da concessão de aumentos reais aos trabalhadores e da permissão de um crescimento econômico significativo. Os argentinos precisam se livrar dos traumas que viveram — o trauma da guerra das Malvinas e o trauma dos desaparecidos, além da dolorosa exposição das vísceras militares à visitação pública. O resultado de tudo isso, de uma lógica irretocável, foi a de perseguir o desenvolvimento a qualquer custo. O resultado é conhecido: a inflação ultrapassou mil por cento ao ano e o país começou a viver uma situação neurótica: quem recebia o seu salário corria para a casa de câmbio mais próxima com o objetivo de trocar todo o seu ordenado em dólares. Agora, ao contrário, depois da criação da nova moeda, o austral, a Argentina vive a recessão. Produto Nacional Bruto em queda livre e junto com ele a inflação, que agora está na casa dos cinco por cento.

São extremos, tanto o exemplo peruano, quanto o argentino de administração do endividamento externo. É curioso que em um caso como no outro, os países evitaram, por razões desconhecidas, um caminho que se afigura cada vez mais como o de maior viabilidade: o da integração regional. A dívida externa é um fenômeno

latino-americano, embora^u seja possível encontrar alguns países fora do continente em situação financeira difícil. Mas, na América Latina praticamente todos os países vivem uma situação aflitiva, com a exceção da Colômbia, que possui razões muito específicas para viver a sua bonança. Até países como a Venezuela, que nada em petróleo experimentam uma difícil situação econômica.

Os economistas, mesmo aqueles de tendência mais ortodoxa, costumam apontar a integração econômica como a segunda melhor opção para um país. A primeira é, segundo essa visão, o livre mercado. Mas, o livre mercado começa a ser um sonho inalcançável, seja pela deterioração dos termos de comércio, seja pelo crescente protecionismo nos mercados do primeiro mundo, a começar pelo próprio Estados Unidos. O sistema de trocas, entre os países latino-americanos decididamente não têm a magnitude para solucionar o problema por inteiro, mas pode oferecer uma alternativa razoável para a promoção do desenvolvimento econômico, setorial ou regional. E, mais importante: trata-se do estabelecimento de um comércio onde não entra o dólar, ou seja, não força o endividamento, e que gera um desenvolvimento autônomo nos dois lados da fronteira.

O caminho brasileiro deverá considerar os gestos heróicos verificados nos países vizinhos. No mais das vezes, o heroísmo resultou no aumento da dependência econômica dos banqueiros norte-americanos. O exemplo argentino é uma eloquente demonstração dessa verdade. O governo peruano dispõe de outras alianças políticas, capazes de fazer reverter a seu favor, durante algum tempo, esta tendência. Mas, o Brasil navega neste mar revoltoso sem alianças explícitas. É um País onde o nível de dependência econômica é baixo se comparado aos vizinhos e o índice de abertura da economia ao capital estrangeiro ainda é muito reduzido. Afirmando os economistas que apenas onze por cento da economia brasileira está vinculada ao capital estrangeiro.

A conjugação destes fatores, alidade a percepção do que ocorreu e está ocorrendo nos países vizinhos, deverá determinar a linha de procedimento do governo Sarney, depois que o assunto for discutido pelo Congresso Nacional. O debate parlamentar do assunto será extremamente saudável, mas o poder Executivo deverá distinguir a retórica da prática política. E neste momento que o conceito da teoria política — eficiência e eficácia — vão dar a medida da capacidade de agir do governo federal.